



Doutora quem? Quando uma mulher assume o protagonismo da série *Doctor Who*

Erik Ely da Cunha Prado⁴

Universidade Estadual de Goiás – UEG

Resumo: Com base nos estudos culturais e de gênero, este trabalho investiga a repercussão da mudança de gênero no protagonista da série *Doctor Who* (BBC, 1963), anunciada em julho de 2017 com um trailer, no qual a atriz Jodie Whittaker assume o papel principal nessa série exibida há mais de 50 anos. Utilizando da netnografia, busca-se analisar o impacto que tal mudança entre fãs e internautas, bem como discutir como a ficção científica pode ser um laboratório para experimentação e inovações.

Palavras-chave: Doctor Who. Ficção Científica. Gênero.

Resumo expandido

Com uma premissa simples, *Doctor Who* é uma série britânica de ficção científica, criada por Verity Lambert e produzida desde 1963 pelo canal BBC. Ela conta a história de um viajante, conhecido apenas como “O Doutor”, um alienígena da raça Senhores do Tempo, que viaja por todo tempo e espaço em sua nave espacial, uma cabine policial azul. Essa é uma série sobre mudanças, que se manteve viva graças à habilidade do personagem de mudar todas as células do seu corpo, quando próximo de morrer⁵. Uma solução introduzida para resolver um problema de produção: William Hartnell, que representou a primeira encarnação do personagem estava deixando o papel, mas a série precisava continuar. O que viria a se tornar parte da mitologia da série, que em meio a tantas mudanças sofridas pelo personagem, uma nunca pareceu ser alvo de profunda consideração: ser interpretado por uma mulher.

Esse produto audiovisual se insere na chamada cultura da mídia, que fornece o material para muitas pessoas construírem seu senso de classe, etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Também define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral (KELLNER, 2001). Assim, a partir dos estudos culturais e de gênero, este trabalho busca investigar a repercussão do anúncio da BBC, feito após a final do Grand Slam Britânico em julho de 2017. Em um trailer de um minuto se mostrava pouco da próxima temporada da série *Doctor Who*, com exceção de um detalhe fundamental, que confirmava um boato anterior: a 13ª personalidade do Doutor na verdade é uma Doutora.

É importante destacar o papel da ficção científica como um gênero televisivo e cinematográfico que semeia o presente com as possibilidades, perigos e virtudes do futuro, audaciosamente indo onde nenhum homem ou mulher jamais foi. Assim, das

⁴ Graduando do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: erikelyprado@gmail.com

⁵ Processo conhecido como regeneração.



mais diversas formas, a ficção científica abordou temas de importância social. George Orwell adverte no livro 1984 contra o totalitarismo. Jogos Vorazes (COLLINS, 2008) aponta o aumento da desigualdade social e os quadrinhos de X-Men (LEE; KIRBY, 1963) mostravam a luta das minorias, e com Doctor Who não seria diferente, especialmente na abordagem da questão de gênero, ainda mais no momento atual em que vivemos, nos quais tais debates se consolidam como necessários para a compreensão do papel desempenhado pela mídia na construção das identidades de gênero e sexualidade (LOURO, 2008).

Considerando tais elementos, é por meio da netnografia (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008) que esse trabalho utiliza dos números e comentários do trailer da série Doctor Who, encontrado no site Youtube. O vídeo liberado no canal da série conta com mais de dois milhões de visualizações e uma taxa de 60% de dislikes⁶. Diante do grande volume de comentários, resultado do alcance mundial do canal e do grande engajamento dos fãs, foi necessário realizar um levantamento prévio e classifica-los da seguinte forma: 1- oposição à mudança de protagonista, com fãs chegando até mesmo a dizerem que deixariam de ver a série; 2- desaprovação à escolha da atriz; 3- aprovação e grande afeição pela nova doutora, antes mesmo de vê-la em cena. Tudo isso ainda misturado com um sentimento de saudade de Peter Capaldi, o ator que deixa o papel.

Portanto, a partir da grande repercussão do pequeno trailer de um minuto que introduz a 13ª Doutora, podemos enfatizar a importância do fandom⁷ de um produto audiovisual, com relação à questão de gênero, que levou uma empresa estatal como a BBC a inovar em uma série já consolidada, apresentando uma atriz como protagonista. Pensando um pouco fora da “TARDIS”⁸, é válido citar um dos atores que interpretou o Doutor, Colin Baker, que parafraseia uma de suas próprias falas enquanto personagem. “Mudança meus queridos, ela é a Doutora. Gostem vocês ou não!”. Isso confirma a posição da BBC em relação à série, ao colocar em pauta tais discussões sobre gênero utilizando de uma mitologia de ficção científica como alegoria para a realidade, a série ganha enquanto representatividade, de forma que educa parcela da população, fazendo com que se perceba o outro, sem distorcer os conceitos da série em uma transformação que se tornará efetiva em sua próxima temporada, com a regeneração do Doutor para Doutora.

Referências Bibliográficas

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: Edusc, 2001.

ABREU, Giovana; LINS, Stephany; GOUVÊA, Mônica. *Através do Tempo e Espaço: A Longevidade na Série Britânica "Doctor Who"*. CIAIQ2016, v. 3, 2016.

⁶ Disponível em: https://youtu.be/_-bSdWEYK8. Acesso em 13 de out. de 2017.

⁷ Conjunto de fãs de determinada coisa em comum.

⁸ Nome da nave espacial do Doutor, uma cabine em formato de caixa (Time and Relative Dimension in Space).



DE AUXILIO, Thais; MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Formas específicas de produção cultural dos fãs brasileiros da série britânica Doctor Who. *Ciberlegenda*, n. 28, p. 110, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. *Revista Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, dez./2008, pp.34-40.3